

Rubem Fonseca

Contos

Reunidos



Copyright © 1963, 1965, 1967, 1969, 1975, 1978,
1979, 1982, 1989, 1991, 1992 e 1994
by Rubem Fonseca
Copyright de "Vozes de barbárie, vozes de cultura"
© 1994 by Boris Schnaiderman

Capa:

Hélio de Almeida

Preparação:

Stella Weiss

Revisão:

Cecília Ramos

Marcos Luiz Fernandes

*Por vontade do Autor, foi suprimido o conto
"O conformista incorrigível", de
Os prisioneiros*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fonseca, Rubem, 1925-

Contos reunidos / Rubem Fonseca ; organização Boris
Schnaiderman. — São Paulo : Companhia das Letras, 1994.

ISBN 85-7164-263-X

I. Contos brasileiros I. Schnaiderman, Boris, 1917-
II. Título.

93-0237

CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Século 20 : Literatura brasileira 869.935

2. Século 20 : Contos : Literatura brasileira 869.935

2000

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (011) 5083-0800

21

DUZENTOS E VINTE E CINCO GRAMAS

Na sala grande dois homens, ainda jovens, sentados, esperando. Estava um em cada canto da sala e não se olhavam, como se um temesse que o outro rompesse o seu isolamento.

Vigiavam uma das portas. A outra que tinha na sala era a do elevador: no painel em cima estava aceso o número 1. O elevador também esperava.

Isso durou um longo tempo — o silêncio e a absoluta imobilidade dos homens; até que um deles verificou, sem virar a cabeça, que a luz do painel começou a correr para a direita, 2 — 3 — 4 — 5. A porta do elevador abriu e surgiu um terceiro homem, também jovem, que caminhou até o centro da sala e parou indeciso. Os dois homens sentados não tomaram conhecimento da sua presença. O que acabara de chegar correu os olhos pela sala.

“Não há ninguém para atender?”, perguntou.

Os outros dois não responderam.

Ele insistiu: “Tem que haver alguém”, e começou a andar pela sala impacientemente. “Isso parece um cemitério”; ao dizer isso parou momentaneamente. Os outros dois continuaram em silêncio, imóveis, como se fossem de pedra. O que havia chegado por último começou a bater palmas.

Atendendo ao seu chamado, um homem de avental branco abriu a porta e perguntou:

“Sim?”

Os três homens olharam-no. O último a chegar disse:

“Eu quero falar com o diretor.”

“Ele não está.”

“O legista está?”

“Qual deles? Temos vários legistas”, disse o homem de avental branco.

“O que está fazendo a autópsia.”

“Que autópsia? Umas quatro autópsias vão ser feitas hoje”, respondeu o homem de avental branco.

“A autópsia da dona Elza Wierck”, disse o visitante em voz baixa. Os outros dois olharam-no surpreendidos.

“Vou ver se ele pode falar com o senhor.”

A porta fechou-se e os três ficaram sozinhos.

“Elza era sua parenta?”, perguntou um deles.

“Eu também vim saber de Elza”, disse o outro.

“Parece que nós três viemos por causa de Elza”, disse o último. “Eu pensava que era o único — o único, ahah, amigo de Elza. Ela era muito expansiva e alegre: eu sabia que havia, posso ser franco? — outros, mas não me importava.” Além do mais, tinha o seu trabalho, não podia nem tinha tempo para laços mais íntimos. Só pensava a sério mesmo na sua indústria.

“Indústria?”

“Eixos de manivela.”

“Eu fabrico soda cáustica”, disse um deles.

“É estranho”, disse outro.

“O quê?”

“O fato de sermos os três, amigos, hum, íntimos, de Elza. Eu fico um pouco chocado com isso, sabem? Chocado não, surpreendido. Vocês não ficam?”

Antes que os outros respondessem, continuou:

“O meu negócio é vidro plano; duplicamos a nossa produção no último semestre. Estamos fazendo um vidro melhor do que o belga.”

Os três olharam-se respeitosamente: eram homens jovens, irradiando segurança e sucesso. Pertenciam ao mesmo mundo.

Nesse instante chegou o legista.

“Boa tarde. Em que posso servi-los?”

“Nós somos amigos, éramos amigos de dona Elza Wierck, a moça que foi, que foi —”

“Lamentável”, disse o legista, “lamentável. Pobre moça! Prenderam o tarado que a matou, não prenderam? Era o namorado, não era?”

“Nós éramos amigos dela.”

“Ela não tem parentes?”, perguntou o legista.

“Não sei”, respondeu um dos jovens senhores.

“Acho que não”, disse outro.

“Ela era suíça, creio que os parentes estão na Europa”, acrescentou o terceiro.

“Ah! ela era suíça”, disse o legista, esfregando as mãos como se estivesse muito satisfeito em ouvir aquilo. “Uma linda mulher”, continuou, “pode-se ver, mesmo agora.”

“O senhor já fez a autópsia?”

“Não, não, ia iniciá-la quando me chamaram.”

“Nós viemos aqui —”

“Já sei”, cortou o legista, “os senhores querem assistir à autópsia.”

Os três homens olharam-no como se estivessem assombrados com aquela sugestão. Mas o legista não pareceu notar, pois disse:

“Não sei se os três poderiam entrar; isso é muito irregular.”

“Bem”, disse alguém, “não há necessidade; se não pode não pode — não vamos romper os regulamentos.”

Novamente o legista deixou de notar o alívio estampado no rosto dos três homens. “Nós sempre fazemos uma exceção para os parentes”, disse.

“Não somos parentes.”

“A pobre moça não tem parentes no país, os senhores mesmo disseram. Coitada. Os senhores são como se fossem seus parentes; afinal, são amigos. Eu não sou daquele tipo de funcionário burocrático escravo dos regulamentos. Sou um médico — vejo o lado humano das coisas; para mim os regulamentos não podem ser obedecidos cegamente. Eu lhes digo o que vou fazer: permitirei a entrada de um dos senhores, para que assista a esta tarefa, que, infelizmente, tem que ser executada, está na lei.”

“Mas é necessário?”

“Imprescindível”, disse o legista. “O auto de exame cadavérico é peça essencial do processo. A autópsia tem que ser feita.”

“Eu não perguntava isso”, um dos homens começou, mas o legista não ouviu e continuou:

“É da lei. É da lei. Qual dos três então? É preciso coragem.”

Os três homens, que começavam a falar, silenciaram abruptamente.

“Qual dos três? Ela está esperando.”

“Qualquer um de nós...”, disse um deles.

“Decidam”, disse o legista.

Os três olharam-no com temor.

“Então?”

Silêncio.

“Eu vou”, disse um deles, encarando os outros dois, que desviaram os olhos.

Chegaram ao local da autópsia. Deitada numa mesa de mármore estava uma mulher vestida de saia, blusa de seda estampada, sem sapatos. Sua cabeça apoiava-se num toco de pau com uma meia-lua onde se inseria a nuca. Perto da mesa estava um enfermeiro. Além, sentado numa mesa, um escriturário.

“Primeiro temos que tirar a roupa dela”, disse o legista.

Tiraram a saia, a blusa, as peças íntimas.

“Uma saia de — que material é esse? Tergal? — de tergal, uma blusa de seda estampada, sutiã de náilon, uma calça de náilon. Temos que tomar nota de tudo”, disse o legista olhando para o escriturário que escrevia, “para o laudo. O laudo tem que ser completo.”

A mulher agora estava completamente nua na mesa de mármore.

“O homem queria mesmo matar”, disse o legista, olhando o corpo, profissionalmente. “Veja quantas facadas.” Os ferimentos, como se fossem desenhos, espalhavam-se pelo corpo.

Lavaram o corpo. Uma água avermelhada descia pela calha que rodeava a mesa e ia sendo depositada num recipiente no chão. O corpo ficou limpo, cor de mármore.

Com um estilete graduado, o legista começou a medir os ferimentos. “Um com três centímetros na face externa do terço superior do braço esquerdo.” O escriturário tomava nota. “Um na região axilar esquerda, dois centímetros e meio, perfurante. Dois na face interna hemitorácica esquerda, cada um com quatro centímetros.” O legista enfiava o estilete nos ferimentos e olhava cuidadosamente as marcas do instrumento. “Parece que estou matando-a novamente, não parece?”, perguntou sem olhar o estranho ao seu lado.

O corpo da mulher foi virado e revirado, pesquisado. Era um corpo longo, forte, de seios pequenos. Os cabelos do púbis eram claros e raros. A boca estava aberta, os dentes da frente aparecendo entre os lábios verde-roxos; um rosto duro.

“Você agüenta?”, perguntou o legista. Um sorriso leve perpassou pelos seus lábios. “Afinal, você era amigo dela...”

Cuidadosamente o enfermeiro repartiu o cabelo da mulher.

Enquanto isso, o legista, num gesto longo, firme e contínuo, com o bisturi cortou o corpo num fundo traço longitudinal, da garganta à região pubiana.

A carne do peito foi puxada violentamente para os lados, desprendida dos ossos, deixando-os à mostra.

“Depois cose-se tudo”, explicou o legista, “a reconstituição é perfeita. A linha aparece, é claro.”

O legista apanhou uma tesoura, como essa de cortar rosas, um pouco maior. “Costetomo”, disse ele, mostrando o instrumento. “Como o nome indica, serve para cortar costelas.”

Com o costetomo o legista iniciou o seu trabalho. Os ossos eram partidos com um som seco. Apareceram os pulmões, o coração.

O enfermeiro levantou a cabeça da mulher e com o bisturi cortou o couro cabeludo na base do crânio; enfiou os dedos da mão direita na fenda que fizera e com um golpe rápido arrancou o couro cabeludo, que se soltou do crânio rangendo, como papelão colado se desprendendo de uma parede.

O crânio nu parecia um enorme ovo amarelo.

“Agora estamos preparados”, disse o legista.

“Começaremos pela cabeça, como manda a boa técnica.”

Com um serrote, o enfermeiro começou a serrar o crânio.

“Nós antes tínhamos uma serra elétrica”, disse o legista. “Mas não havia jeito do enfermeiro trabalhar direito com ela: um dia encrencou, a roda dentilhada se desprende e saiu rodando por aí, saiu pela porta, desceu as escadas, eh eh!” O enfermeiro olhou para o legista que continuou: “Por isso usamos ainda o serrote. É rudimentar, reconheço, porém é prático”.

A calota craniana foi completamente serrada. De dentro foi retirada uma massa alabastrina, uma opaca medusa: “Encéfalo — um quilo, duzentos e setenta gramas”, pesou o legista numa balança sobre uma mesa próxima.

De dentro do corpo os órgãos eram tirados e atirados na balança.

“Fígado — um quilo e cem gramas. Ela não bebia, certamente; tivemos um aqui, outro dia, com dois quilos e tanto, hein?”, disse o legista para o enfermeiro.

Com a mão enluvada, o legista agarrou o pulmão e tentou arrancá-lo de um só golpe. Não conseguiu da primeira vez. Tentou com as duas mãos e conseguiu.

“Transfixado o esquerdo no hilo, no lobo superior e inferior; o direito no ápice.”

O legista curvou-se sobre o baixo-ventre da mulher. Arrancou outro órgão: “Útero — pequeno e vazio. Vazio”, repetiu ele, olhando o homem ao seu lado.

Enquanto isso, com uma concha, o enfermeiro começou a retirar o sangue da cavidade torácica e a vertê-lo dentro de vasilhames de vidro graduado, dizendo: "Seiscentos e cinquenta centímetros cúbicos na cavidade pleural direita; quatrocentos centímetros cúbicos na cavidade pleural esquerda".

"Morreu de hemorragia interna e externa. 'A vida de toda carne é o sangue', está nas escrituras. Foi atingida a subclave esquerda."

Nas mãos enluvadas o legista segurou o coração da mulher. Parecia uma pêra; escuro.

"Duzentos e vinte e cinco gramas", disse ele, pesando na balança. "Não foi atingido."

Os órgãos foram todos jogados de volta, para dentro do corpo.

Com uma agulha curva, o enfermeiro coseu o imenso corte. O encefalo posto dentro do crânio, o couro cabeludo puxado para trás e cosido também. O rosto da mulher surgiu novamente, olhos abertos, boca aberta.

"Acabou", disse o legista.

"Fiquei até o fim", disse o homem que assistia.

"Ficou, ficou sim", disse o legista, tentando disfarçar o desapontamento de sua voz.

"Agora vou-me embora", continuou o homem, falando baixo.

"Vai, vai", disse o legista, com certo desalento.

Os dois olharam-se nos olhos, com um sentimento escuro, viscoso, mau.

O homem começou a sair da sala de autópsias. Os dentes cerrados, só pensava numa coisa: "não posso correr, não posso correr"; andava lentamente, rígido, como um soldado de regimento inglês desfilando.

Quando chegou na sala de espera, a mesma estava vazia. "Foram embora", murmurou entre dentes, "foram embora."

Desceu pelo elevador.

Na porta da rua o sol bateu em cheio no seu rosto. Ele fechou os olhos e cobriu-os com as duas mãos. Disse: "Putaquepariu", ainda com as mãos no rosto. Abriu a boca como se estivesse com falta de ar. Isso por poucos segundos. Logo em seguida descobriu o rosto, olhou para os lados para ver se alguém o observava e compôs sua fisionomia.